

Há cerca de sete/oito anos duas professoras da Rede Escolar do Estado vieram me procurar. Maduras e próximas da aposentadoria, queriam experimentar uma atividade criativa, "agora que não iam mais ser úteis", propondo-se a serem minhas alunas. Dedicaram todos os seus anos de ensino a alfabetizar crianças e agora, "velhas", se permitiam vivenciar algo tão distinto como a Expressão Corporal. Após um ano de aulas, nas quais a ênfase estava nas possibilidades de descoberta do corpo numa atividade lúdica, despediram-se alegres e, ao mesmo tempo, tristes. Alegres devido ao que viveram nas aulas e tristes porque agora sim julgavam-se mais aptas para ensinar. Diziam que se lhes fosse dada uma chance de recomeçar, trabalhariam completamente diferente: brincando, jogando, criando estórias, usando o corpo para tudo, o que antes certamente achariam ridículo. Jamais suspeitaram que desse modo se desenvolve também a inteligência, e agora não podiam negar tal fato. Uma delas, numa das avaliações, disse que muitas vezes teve o desejo de brincar com os alunos e tinha "idéias diferentes" para dar aulas. Mas, considerando que este desejo seria seu lado infantil, acabava por se autocensurar.

Há poucos anos recebi, no Jogo Estúdio, um pacote embrulhado num papel bastante comum. Quando o abri, estamparam-se um vestido preto e o seguinte bilhete:

"Eugênia:

O vestido antigo lembrou-me você. Espero que goste e aproveite em suas aulas de teatro com as crianças, *onde se aprendem tantas coisas importantes, que infelizmente só mais tarde descobrimos. Hoje* que aprendi o que é lúdico não tenho mais crianças para ensinar.

* Coordenadora da Escola de Arte Jogo Estúdio.



FOTO CEDIDA PELA PROFa. LEDA MARIA GIUFFRIDA SILVA

Em compensação estou namorando com meu ex-marido. O que você acha professora, isto também é lúdico?

Estou muito grata a você.

Um abraço, sua ex-aluna. ..."

Este artigo, dedicou a Essas Duas Professoras!

Vivemos numa sociedade que se encarrega de garantir desde privações das necessidades mais elementares, como comida, espaço para morar, integridade, até privações de outra natureza, tão importantes quanto a possibilidade de possuir um corpo saudável. Diz-se saudável o direito de o corpo também poder expressar-se. Desde os primeiros momentos, o corpo do recém-nascido expressa de maneira tosca **sensações** de desconforto como fome, umidade etc. através do choro e de movimentos. Também aqui já comparece a necessidade de **contato, porque esse ser** depende do meio humano para sobreviver.

Com poucas semanas, a criança já realiza exercício com seu corpo, e descobre que pode mexer nos dedos da mão e acompanhar este movimento com os olhos. Mais tarde, estirando o corpo com a barriga para baixo, a criança, numa espécie de brincadeira, treina o seu sofisticado aparato psicomotor para engatinhar; quanto mais **firme o suporte** em que se **apóia** tanto mais ela mobilizará os reflexos, que vão **alinhar** seu esqueleto, endereçando seu corpo para esta ou aquela **atitude ou expressão**. Nas manobras sofisticadas que utiliza na **troca de apoios** está contido O **projeto** que vai levá-la desde a se equilibrar até a ficar em pé ou **dançar**.

É urgente pensar que a atividade de investigação criativa abre grandes possibilidades para desenvolver a inteligência da criança - uma inteligência sensível e integradora, em que raciocinar sobre um problema matemático pode ser tão estimulante quanto resolver a organização do começo-meio-fim de uma estória, no "faz-de-conta" que é o teatro, e sobretudo transferir a experiência de uma atividade a outra.

Favorecer para que a criança possa dispa do seu corpo como fonte de investigação criativa dá-lhe a possibilidade de entrar em contato consigo própria e com o meio social, estando aí incluídos o meio físico, o espaço, os objetos, a natureza, o outro e o grupo.

O uso da consciência corporal por parte da criança, de forma lúdica e expressiva, dá-lhe, num primeiro momento, a satisfação da descoberta e do alívio de tensões e ansiedades (tão comuns nos dias atuais) e, num segundo momento, favorece a sua percepção das possibilidades e limitações do próprio corpo. Assim, a criança descobre, nesse processo, meios de usar o gesto de forma inventiva e adequada ao espaço.

Numa etapa mais avançada, a criança sente adquirir a segurança psicofísica para experimentar exercícios que envolvem destreza e habilidades motoras, sem, com isso, ser submetida a exercícios mecânicos, maçantes, completamente pobres de imaginação e com objetivos precários, amestradores e desconhecedores do aparato sofisticado que é o corpo. Aparato este capaz de realizar exercícios criativos, garantindo o que é mais importante na criança: sua personalidade - algo inerente aos seres humanos.

A Expressão Corporal, antes de tudo, é um patrimônio do homem. Foi através do corpo que o homem primitivo pôde buscar recursos para sua sobrevivência. Naquele momento lhe foi exigida grande destreza e, sobretudo, percepção para ver e avaliar o mundo a sua volta. Foi com o gesto, acompanhado ou não de sons, que o homem construiu, desse material primitivo, uma linguagem.

Inserida na primeira e indo além, desenvolveu-se outro tipo de Expressão Corporal, cuja atividade é organizada com objetivos e procedimentos muito peculiares e específicos, construindo uma linguagem artística que abarca o gesto em movimento ou, quando se detém, os sons provocados pelo próprio corpo em contato com os objetos, a voz, a palavra, a imaginação e todo o aparato sensorial e perceptivo. Este fazer vincula-se a uma filosofia de pensamento encontrada no trabalho de outros pesquisadores, como LURIA, Rudolf LABAN, VIGOTSKY, Gerda ALEXANDER, Henri WALLON e Patrícia STOKOE.

Um dos maiores objetivos dessa atividade seria a possibilidade de, entrando em contato com o corpo, desenvolver a disponibilidade da busca do **contato** com o próprio corpo na sua integridade psicofísica. Faz parte dessa investigação o contato social. Nesse processo, podemos vir a sentir a destreza e alegria de dançarmos sem sermos dançarinos, desenvolvendo um repertório pessoal facilitador do bem-estar e da comunicação.

A partir daí, pode-se, ainda, empreender um projeto mais audacioso: resgatar parte da unidade corporal há muito perdida. Para tanto, é necessário estar consciente do próprio corpo, antes mesmo que ele doa ou se estresse.

Cabe ao educador essa tarefa bonita e lúdica de, estando atento ao próprio corpo, entrar em contato com o universo da fantasia da criança, muitas vezes impresso em seu pequeno corpo, que, se for favorecido na sua investigação expressiva e comunicativa, favorecerá a formação de alguém sensível a transformações. Esta atividade organizada com objetivos educacionais e artísticos recebeu este nome "Expressão Corporal" da grande pesquisadora e mestra Patrícia STOKOE, com quem me identifiquei inteiramente.

Este fazer que se origina na atividade dos atores, dançarinos, pintores, músicos abre-se para contribuir em vários campos da atividade humana - Educação, Psicologia, Psicoterapia, Fisioterapia, Medicina -e, enfim, para todos que buscam um bem-estar que os integrem consigo mesmos e com o social.

O corpo nos informa sobre si através de sensações, mas estas não são suficientes. Às vezes usamos a palavra sensação com outros sentidos, ou seja: impressão, intuição, percepção, pressentimento, imaginação, emoção . . . e por aí afora.

A palavra **sensação** se refere diretamente ao corpo e **informa** sobre algo primitivo. Às vezes nos referimos à sensação como sendo percepção, mas esta é mais refinada. Interessante pensar que ambas são ocorrências do sistema nervoso, sobre o qual se afirma ser complicado, mas que, na verdade, apesar de sua sofisticação, é simples de ser compreendido.

Dispomos dos sentidos: paladar, visão, audição, olfato e tato. Este último pode ser profundo ou superficial. O corpo pode sentir temperaturas, consistências de objetos etc. Todo este potencial nos dá a possibilidade de, através do **contato**, explorar e experimentar uma gama de sensações que nos chega através da percepção de forma discriminada. Somos informados do próprio corpo e do mundo que o cerca, tendo a percepção como meio eficaz para o desenvolvimento do conhecimento.

O conhecer está a depender de dois fatores: da herança genética e do social, havendo uma relação de interferência entre ambos. O corpo é resultado de nossa herança genética mais o social, ambos nele contidos. Não podemos falar da herança genética sem o social, e isto não é difícil de entender. Basta lembrar das crianças brasileiras desnutridas, comprometidas desde o ventre da mãe. Em outro nível menos dramático, temos as crianças das metrópoles que necessitam de atendimento em Expressão Corporal ou fisioterapia, para "corrigir" problemas

posturais, deformações nos pés - que dificilmente elas apresentariam se tivessem a possibilidade de **brincar de subir em árvores, equilibrar-se andando num muro, andar na areia, andar sobre pedras, andar dentro d'água, correr, pular corda, andar por caminhos com obstáculo, praticar jogo de estátua etc.**

Além disso, não se deve esquecer dos problemas causados pelas imensas mochilas que as crianças levam para a Escola e dos móveis, malprojetados, para sentarem durante quatro horas, com um intervalo de quinze ou vinte minutos para o recreio. A Escola deveria ser o lugar para onde a criança vai, sentindo segurança e contentamento. Segurança por ali encontrar um ambiente adequado para investigar, despertar sua curiosidade, sem ser censurada nem julgada. E contentamento porque é explorando, descobrindo, expressando-se que ela se conhece. É a partir desse conhecimento de si que ousará conhecer o outro e o mundo.

O corpo deve ser para a criança fonte de descoberta e afirmação, através de experiências prazerosas que venham a dar-lhe segurança. O corpo aparece como instrumento fundamental do **contato** nas atividades que lhe oferecem possibilidades de explorar, conhecer, afirmar-se como um ser único, portanto original. Adquirir segurança não só para vencer inibições e censuras, mas também para ousar fazer algo de novo para si e muitas vezes para os demais.

Num ambiente lúdico, torna-se possível à criança expressar fantasias. A nós, educadores, cabe o papel de, entrando em contato com a imaginação da criança, viabilizar a transformação desse rico material num **projeto** realizável, que poderá ter a forma de desenho, de poesia, de música, de uma dança, de um simples objeto feito de caixas, ou de uma estória representada ou apenas contada para o grupo.

Cabe ainda aos educadores assessorar a criança, com apoio afetivo, tentando fazer com que seu projeto seja viabilizado como ela o fantasiou. A fantasia muitas vezes se modifica durante a realização do projeto. Mas este **viabilizar** é uma atitude que exige do professor uma grande disponibilidade e um certo treino, porque descobrir variantes para um projeto fantasiado é, antes de tudo, treinar a imaginação para ter junto com a criança outras fantasias e idéias.

O tônus muscular imprime ao corpo da criança uma plasticidade que é determinada pelo seu tipo nervino, e tem papel fundamental naquilo que está contido no projeto do adulto que essa criança virá a ser. A atividade de Expressão Corporal, com base na Sensopercepção, atende plenamente a esses fundamentos, uma vez que visa regularizar, antes de tudo, o tônus muscular, para proporcionar uma economia de energia, caso a criança apresente **hiper ou hipotonia**. Convém lembrar ainda que o tônus muscular tem papel fundamental na origem da emoção do corpo humano - emoção esta organizada pela inteligência, matéria-prima da **expressão**. A **pele**, como invólucro vivo, tem um papel muito importante neste trabalho. E uma surpresa tomarmos conhecimento de que:

- “a pele” é um órgão*, do corpo humano;
- “a pele” é o “órgão” mais extenso que possuímos;
- “é através da pele que o homem toma o primeiro **contato** com o mundo;
- “é por meio da pele que recebemos uma gama enorme e diversificada de informações.

* Ver Gerda ALEXANDER, *Eufonia*, São Paulo, Martins Fontes, 1983.

Enfim, a pele fornece as primeiras possibilidades daquilo que virá a ser a percepção. E, como se fosse pouco, ela, como **invólucro vivo, contém, define, separa, limita, distingue** o ser, e, ao fazer a distinção, permite o contato. A pele intermédia este **contato**, simultaneidade do tocar e ser tocado, concomitância na relação espaço-tempo, permitindo distinguir o indivíduo como ser único.

Formulo a seguir um plano de aulas, a partir dos elementos mais cotidianos possíveis. Busco também tomar claros alguns conceitos e preceitos do ambiente expressivo. Espero que estas informações, como ponto de partida, aliadas ao estudo da bibliografia oferecida ao final do texto, tornem a Expressão Corporal mais acessível - o que de fato ela é, e deve ser. O que se segue não são receitas, e sim estímulos para que a partir deles os educadores possam inventar exercícios, jogos, aulas e sintam um pouco de confiança em sua própria experiência, imaginação e bom-senso ao realizar seus inventos didáticos.

Estejam atentos aos seus objetivos, sem contudo se apegarem a eles em demasia, pois muitas vezes, por mais bem-intencionados que sejam, não despertam na criança aquilo que é fundamental: o contentamento, a curiosidade em descobrir, inventar e conhecer.

Devemos estar atentos para a maneira como as coisas vão ocorrer e que procedimentos, recursos e meios buscaremos para conseguir aquele bem-estar entre nós e a criança no momento de criar. Estaremos ambos pesquisando, descobrindo... Ela vem à Escola e espera aprender muita coisa como lhe dizem - e nós estamos inventando um jeito novo de ensinar o que a vida toda aprendemos de maneira tão diversa: este é o nosso **processo**.

Destaco, para nossa atenção, atitudes que irão facilitar o sucesso do nosso processo de criação. O ambiente adequado a vivências expressivas que levam ao conhecimento deverá ter, pelo menos, as seguintes características: **aceitação; liberdade; exploração; experimentação; descoberta**; garantindo sempre um clima de **não-ansiedade, não-competição, não-rigidez, não reprovação**.

Convém não esquecer que os elogios devem ser discretos, mas encorajadores, e os limites devem ser claros, porém não inibidores ao exercício de criar.

A aceitação deve ser uma atitude constantemente treinada pelo professor e passada naturalmente para os alunos. Nesse sentido, é preciso que ele dê liberdade para que a criança explore, experimente e invente coisas e maneiras novas, sem se sentir ridicularizada pela censura dos colegas ou pela própria. Só é possível o indivíduo se expressar, através de um desenho ou de uma sílaba escrita, se notar que, naquele ambiente, é aceito e querido do jeito que é. A aceitação tanto de seus sucessos quanto de seus insucessos fará com que ele tenha confiança em arriscar. Todos nós temos uma experiência dessa natureza na vida: tínhamos algo a dizer, um gesto a fazer, uma colaboração a dar e ficamos inibidos de fazê-lo porque o ambiente não favorecia nossa participação. É bom lembrar que quando criamos estamos nos expondo, mostrando um pouco do que somos.

A liberdade para a criança criar e se desenvolver deve ser garantida pelo professor. As inibições e censuras serão deixadas de lado, ao encarmos o trabalho como brincadeira - esta no sentido de jogo, de lúdico. Isto não é menos sério do que outras maneiras de trabalhar. Pelo contrário, ter uma atitude lúdica facilita à criança o caminho do **faz-de-conta**, que é seriíssimo, porque exige muito de nós mesmos e delas. Valorizaremos menos a televisão, ouviremos estórias contadas por tios e avós, observaremos a cidade, as pessoas, os objetos, a natureza.

Ao criarmos um outro modo de dar aula, eliminaremos antigas referências do certo e do errado, e construiremos um ambiente onde, apesar e além do certo e do errado, haverá um contato prazeroso e inventivo, no qual reina a confiança.

Criar, descobrir, investigar, imaginar levam a criança também à inteligência. Refiro-me a uma inteligência sensível e fraterna, em que a percepção, não-fragmentada, coloca-a disponível e com aptidões para transformar o universo ao seu redor.

Exemplo de exercícios-estímulo para aula

1. Explorar vazios e cheios do que está em torno de mim. Por exemplo, da carteira onde me sento.

2. Que partes) do meu corpo ocupam) este vazio?

Se coloco a mão num **espaço** vazio da carteira ou cadeira e a deixo parada, quanto sobra de **espaço**?

E, se eu, agora, **movimento** a mão neste vazio? Sim, também posso ocupar os vazios ou buracos não só fazendo **movimentos**, mas também prestando atenção no **desenho** que minha mão e meus dedos fazem.

Podemos, então, introduzir umas pequenas variantes:

Vou experimentar usar a mão, ainda, prestando atenção no **desenho**, mas com movimentos **fortes; depois suaves, rápidos; depois lentos**.

Como vimos, a mesma mão, além de ocupar o **vazio** com o gesto detido (parado), pode ser movimentada em várias direções.

3. Experimentemos agora investigar coisas semelhantes com um dos pés (descalço), e depois com o outro; com um cotovelo, com o outro etc.

4. Chegou o momento de explorarmos com os pés ou com as mãos os contornos dos objetos: a cadeira ou carteira, os vazios, o **espaço** entre um e outro.

Podemos fazer esse exercício sentados, sentados ao contrário, em pé, de quatro, subindo na cadeira...

5. Que tal, agora, se descansássemos um pouco de olhos fechados, sentados com os braços apoiados na **carteira, fazendo de conta** que estamos dormindo? - mas só fazendo de conta, porque iremos continuar nossa investigação, nossa busca.

- **Onde** estou **apoiado**? (Observe bem se fechou os olhos.)

- Quais os **pontos onde** meu corpo está-se apoiando?

- Estou apoiado nos **vazios** ou nos **cheios**?

- Meu bumbum, por exemplo, está apoiado no vazio ou no cheio?

- Que partes do meu corpo têm mais apoios?

6. Que **partes do objeto** (cadeira, carteira ou chão,) sinto mais duras e mais moles?

Sabem que nome tem "esta coisa" (característica) de sentirmos um objeto duro ou mole?

- **Consistência.**

A consistência de uma carteira, por exemplo, é **dura**; a de uma almofada é **mole**.

7. Troque de posição de olhos fechados, quase em câmera lenta. Você pode até se sentar no chão e apoiar os braços e a cabeça na cadeira ou onde quiser.

Que tal? **Onde** seu corpo está apoiado?

Onde ele deixa vazios?

- Invente agora novos jeitos de apoiar-se...

Abra os olhos.

Agora vejamos se nas lições de aprender a escrever podemos descobrir alguma coisa dessa nossa experiência.

- Observe as letras . . .
- Escolha as que você mais gosta.

Veja se nelas há **vazios e cheios**.

Podemos colorir os **buracos** das letras com as cores que mais gostamos ou, para quem quiser, com as cores que menos gosta . . .

Dê agora uma colher de chá para aquelas letras que você menos gosta . . . E aí, elas também têm vazios e cheios?... Incrível, não? Até elas ..

Damos a seguir uma paradinha de uns minutos somente para pensar.

- Qual dos meus **lados** tenho mais facilidade de mexer?
- Como se chama mesmo esse lado, **direito ou esquerdo**?
- Com a mão **direita** vai mais fácil?
- E com o pé do **mesmo lado**, será que é igual?

Não sei, vamos recomeçar agora dando atenção a isto:

- Esse meu lado mais fácil se parece com o quê?
- E o mais desajeitado lembra alguma "coisa"?
- Onde foi que eu vi essa "coisa"?
- Era triste ou engraçada?

Obs.: Outras idéias das crianças, ou suas, poderão surgir a partir desse estímulo.

Vamos levar para casa a continuação dessa nossa investigação. Mas precisamos combinar uma coisa entre nós. Explico melhor. Por exemplo: Quando acordarem:

- a) ainda deitados observem **onde** o corpo de vocês toca a cama (tem apoio) e onde faz buraco (não toca);
- b) troquem de posição ainda na cama para observarem se os **apoios** mudam de **lugar** no corpo. Eu também vou fazer essa experiência e contarei a vocês. (O professor assumirá esse compromisso com as crianças);
- c) verifiquem que consistência tem a cama. É toda igual ou tem lugares mais **duros** e outros mais **moles?**; d) faremos em seguida desenhos no espaço com: uma mão,

- a outra mão,
- um pé e seus dedos,
- os dois cotovelos.

Podem continuar desenhando com o corpo, sentando-se.

Durante o dia, em casa ou em qualquer lugar, observe, por exemplo:

- O chão que você pisa é **duro ou mole?**
- Com qual pé você sente o chão mais duro? Quando pegar o bule ou a caneca para se servir de café, observe como sente sua **consistência:**
- O bule tem **cheios?**
- E **vazios?**

Proposta para trabalho durante a semana

Durante a semana, quando as pessoas estiverem conversando conosco, ou mesmo sem falar com a gente, observemos que **desenhos** elas fazem com as mãos:

- para fazerem as coisas,
- para falarem.

O corpo delas também tem **vazios e cheios?**

Os **gestos** dessa pessoa que você está observando são:

- **suaves?**
- **fortes?**

Abrace uma pessoa que você gosta muito (sem dizer para ela que você está pesquisando - não se esqueça, é um segredo). E aí, que parte do abraço você sente mais **firme...** ou mais **macia?**

Se você der um beijo na testa e na bochecha são iguais?

Isso eu também vou ter de experimentar porque não sei se é diferente.

Não sei **onde** é mais gostoso beijar...

Ah! lá me esquecendo: se alguém em casa ficar desconfiado, por nos surpreender olhando, pegando nas coisas de maneira diferente, encostando na parede, por exemplo - porque, claro, também vamos aproveitar para sentir a **temperatura** dos objetos a fim de ver o que é mais **frio** e mais **quente** - aí então podemos dizer que estamos pesquisando. Só! E não diz mais nada, disfarça, claro . . .

... e até a próxima aula!

xxxxxx

O professor não deve ter receios e medos da fantasia, da imaginação da criança. A criança distingue muito bem a fantasia da realidade. A fantasia não é um delírio, apesar de a palavra "delírio" infelizmente estar na moda. O delírio é um pensamento também fantasioso, mas sob a forma de alienação, onde o que predomina é a realidade interna do indivíduo que, passando por dificuldades, apresenta como sintoma esta forma de pensamento expressa de maneira repetitiva. A imaginação, matéria de natureza criativa, tem por característica básica a não-repetição, e está c tempo todo em contato com a realidade externa. Confundir as duas coisas é desconhecer o que sejam delírio e fantasia. A imaginação é um exercício de sanidade mental. O delírio, ao contrário, é uma constante não-criativa de uma patologia.

Certa feita, ouvi um relato surpreendente de uma ex-aluna psicanalista, moça muito culta. Ela e uma amiga psicóloga haviam experimentado colocar as filhas, de idade pré-escolar, numa escola que esteve muito em moda em São Paulo há alguns anos - escola com a maior parte das atividades ao ar livre, em contato com bichos... enfim, com natureza, arte, tudo que esteve em moda nos últimos tempos. Como era um período de estágio para os pais, a moça assistiu à seguinte cena catastrófica: as duas meninas, logo ao chegarem no quintal da escola, alegres, descobriram uma casinha e, entrando, viram fogãozinho, armário, tudo. Contentes, começaram a brincar de fazer comida, quando uma delas - que por infelicidade era tímida e insegura - tentou riscar um fósforo imaginário. Naquele momento, a pseudo-arte-educadora chegou por trás e gritou: "foooogó". Não é necessário dizer que a menina ficou estatelada e sem graça, e a outra assustadíssima. Chegou então a "educadora" com ares de autoridade e explicou às mães como uma sentença:

- Desde cedo a criança precisa saber o que é fantasia e o que é realidade, senão é perigoso para ela.

Imagino que, após o susto, a professora certamente também teve sua sentença dada pelas crianças: - Ela não sabe brincar! Ou seja, tratava-se de alguém que, absolutamente, não conhecia aquela linguagem, a da fantasia. Tal professora não fazia idéia, nem de leve, do que era fantasia e, mais grave ainda, confundiu-a colocando sobre as crianças um processo mental, por sinal de natureza conturbada, que certamente seria seu.

Quando comentei sobre as condições para que ocorra o trabalho expressivo, referi-me à liberdade, mais especificamente àquela da imaginação. E, agora, falo sobre outra faceta da mesma questão: a liberdade contornada de limites, condição fundamental do exercício criativo na Escola e fora dela. Confundir liberdade com ambiente desorganizado, caótico não favorece a expressão. O ambiente onde "tudo pode" obedece ao modismo do ser "livre e desbloqueado", onde a conduta esperada é uma só: aquela ditada pela moda. Ao contrário, a ausência de limites configura um espaço ameaçador para a criança, onde ela não está em segurança. A arte exige condições adequadas para o seu exercício, e nada mais apropriado do que a colocação das principais referências: cada um dos elementos da relação espaço/tempo e a definição de papéis. Para a criança, será fundamental o "quem é quem". E o adulto, e particularmente o professor, quem melhor a referencia, dando-lhe segurança para o belíssimo exercício de respeitar a si mesma, o outro e o social.

E, cá entre nós professores, nada mais prazenteiro e eficiente para desenvolver esta consciência do que o fazer artístico.

Apesar de nosso país não ter uma política de valorização das crianças, nem de nós, professores, é vital criarmos um espaço onde possamos - nós e as crianças - ter o contentamento de inventar e descobrir maneiras de conhecer. Estaremos evidenciando, assim, que é o projeto do País que está errado, não nós, professores.

Referências Bibliográficas

ALEXANDER, Gerda. *Eufonia*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

DWORECKI, Silvio. *Ensino e desenho*. São Paulo, FAUUSP, 1984. Tese (mestrado) - FAUUSP.

LABAN, Rudolf. *Danza educativa moderna*. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1978.

STANISLAVSKI, Constantin. *Preparação do ator*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1976.

STOKOE, Patrícia. *Expressão corporal na pré-escola*. São Paulo, Summus, 1987.

WALLON, Henri. *As origens do caráter na criança*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.